

Lisette Weissmann

Interculturalidade e vínculos familiares



Blucher

INTERCULTURALIDADE E VÍNCULOS FAMILIARES

Lisette Weissmann

Interculturalidade e vínculos familiares

© 2019 Lisette Weissmann

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: iStockphoto

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Bonie Santos

Produção editorial Isabel Silva, Luana Negraes, Mariana Correia Santos,

Marília Koeppel e Milena Varallo

Preparação de texto Ana Maria Fiorini

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Antonio Castro

Capa Leandro Cunha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Weissmann, Lisette

Interculturalidade e vínculos familiares / Lisette Weissmann. – São Paulo : Blucher, 2019.

268 p. (Série Psicanálise Contemporânea / coordenada por Flávio Ferraz)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1471-7 (impresso)

ISBN 978-85-212-1472-4 (e-book)

1. Psicanálise 2. Emigração e imigração – Aspectos psicológicos – Estudo de casos 3. Família – Aspectos culturais 4. Família – Aspectos psicológicos 5. Multiculturalismo I. Título.

19-0657

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Prólogo <i>Marcelo N. Viñar</i>	9
1. Introdução	13
2. Globalização, cultura, fronteira	31
3. Migrações	51
4. Psicanálise das Configurações Vinculares	87
5. Percurso de trabalho psicanalítico vincular	119
6. Casos clínicos	127
7. Considerações finais	235
Posfácio – Figuras da diferença: a cultura e a língua em sofrimento <i>Maria Inês Assumpção Fernandes</i>	257
Referências	261

1. Introdução

Un país con el nombre de un río

*Vengo de un prado vacío
un país con el nombre de un río
un edén olvidado
un campo al costado del mar
Pocos caminos abiertos
todos los ojos en el aeropuerto
Unos años dorados
Un pueblo habituado a añorar*

Como me cuesta quererte

Me cuesta perderte

Me cuesta olvidar

El olor de la tierra mojada

*La brisa del mar,
brisa del mar, llévame hasta mi casa*

*Un sueño y un passaporte
 como las aves buscamos el norte
 cuando el invierno se acerca y el frío
 comienza a apretar [...]
 Como me cuesta marcharme
 Me cuesta quedarme
 Me cuesta olvidar
 El olor de la tierra mojada
 La brisa del mar [...]
 llévame hasta mi casa
 Brisa del mar
 Jorge Drexler*

No começo do século XXI, nos deparamos com um mundo que parece ter expandido os limites de sua geografia, marcado pela tecnologia e a globalização, que apresenta a fantasia de vivermos em um espaço global estruturado como um todo, sem limites de fronteiras que diferenciem países, populações ou culturas. Assim, os sujeitos se veem homogeneizados por meio de um mundo no qual as marcas, os produtos e as modas parecem atravessar as fronteiras que anteriormente delimitavam países para se amalgamar em uma cultura só. A cultura do sistema capitalista liberal, por meio do consumo, tenta estabelecer linhas que homologuem todas as culturas e povos do planeta. Igualmente, podemos ver, ao mesmo tempo, índios vestidos com calças jeans, orientais escutando músicas em inglês, sujeitos dançando ao som de *reggae* e *funk* – ou seja, um mundo que se assemelha à torre de Babel, tanto pela variedade quanto pelas opções e escolhas.

Uma outra característica que se soma a essa homogeneização do mundo atual é a vertigem apresentada com a mesma rapidez com que os meios de transporte podem levar sujeitos de um

ponto a outro do planeta em horas, gerando assim a sensação de um mundo que é estruturado como um espaço único, passível de ser apreendido em poucas horas e no qual se maneja um ritmo vertiginoso e acelerado. A ideia de conquista que esses elementos outorgam ao homem aparece como acréscimos ao conceito de globalização, que une culturas, raças e povos em um espaço igual para todos.

Na tentativa de fazer uma descrição teórica desse sujeito contemporâneo, o psicanalista uruguaio Marcelo Viñar (2009) salienta que

[...] na grande cidade anônima do planeta do século XXI, é cada vez mais difícil ter um lugar próprio no mundo. Um lugar próprio que permita ao indivíduo ter a oportunidade de levar a cabo o desenvolvimento de suas capacidades, um projeto de vida no qual cada um se sinta único, original e insubstituível. Submergido na multidão anônima, sufocado por ela, cada um organiza seu destino ou sua estratégia para sobreviver. (p. 36)

Esse trecho delinea um cenário que poderíamos nomear de “salve-se quem puder” na busca por encontrar um lugar para si mesmo. Descreve, desse modo, uma forma de estar no mundo individualista, em que cada um toma conta de si e só assim consegue achar um espaço no qual se sustenta. Esse é o panorama no mundo global do século XXI. Mas esse mundo global traz sinais que mostram que ele não existe como um todo homogeneizado, pasteurizado e triturado, como tentam descrevê-lo, para se constituir como só uma massa. As diferenças trazem um olhar que não pode ser negado nem anulado. As falhas na comunicação, as culturas que transmitem aos sujeitos formas de agir, viver e compreender o

mundo de modo diverso, os erros de entendimento entre sujeitos de culturas díspares, tudo isso faz cair por terra a fantasia do mundo como um todo igual. As particularidades dos povos e nações aparecem necessariamente, e podem ser usufruídas para se enriquecer com as diferenças ou podem ser negadas, numa tentativa de fantasiar a sua não existência.

Poderíamos pensar na globalização como uma aldeia global, unida pelos meios virtuais de comunicação e pelas possibilidades de se locomover facilmente de um continente ao outro; isso não anularia as diferenças entre as culturas como formas de concepção e leitura do mundo, nem entre os distintos seres humanos que habitam o globo terrestre. Pensamos em culturas que remetem a histórias singulares e geografias peculiares, impossíveis de pulverizar e homogeneizar. Se negarmos as diferenças culturais dos povos e nações, estaremos dissolvendo a possibilidade de visualizar sua riqueza singular e única, que cada povo traz consigo, assim como os traços aportados pelo *habitat* em que estão inseridos. Porém, tentar definir o conceito de cultura seria fundamental nesta pesquisa, já que tornaria possível compreender o termo e torná-lo um conceito a englobar um universo comum, ao mesmo tempo que permitiria inserir nele diferenças que viabilizassem um conhecimento mais abrangente e inclusivo.

Nesse universo da contemporaneidade que estamos descrevendo, assistimos à formação de sujeitos que nascem em um país e, por situações familiares, laborais ou políticas, deslocam-se pelo mundo, vivendo geralmente de forma temporária em diversos lugares dos quais sempre podem sair para se estabelecer em outras terras, quando as situações exigirem. Baseando-se nessa forma de morar no mundo – a qual poderia ser denominada nomadismo contemporâneo – vivem sem estabelecer nenhum vínculo com o lugar de maneira fixa; estruturam um estilo de vida em que

circulam pela terra, nomeando a si mesmos como “cidadãos do mundo”, sujeitos interculturais. Esse transitar pelo mundo desenha um movimento contínuo em relação ao lugar de moradia, língua para se comunicar, espaços escolhidos para conhecer, lugares de trabalho etc.

Esse é o sujeito que nos convoca e desafia a tentar descobri-lo. Muitas são as interrogações que se abrem, já que, de forma manifesta, o mundo para esses sujeitos parece lhes pertencer como um todo: apresentam extrema mobilidade física e geográfica, os meios de comunicação lhes oferecem a possibilidade de se comunicar com qualquer ponto do planeta, independente da distância; falam e compreendem várias línguas, e a comunicação parece ser possível em todas as esferas e com todos os sujeitos de cada ponto cardeal do planeta. Todavia, a questão que se inicia como grande interrogação, neste trabalho, centra-se em como se dá a constituição psíquica e vincular desses sujeitos, porque a conformação do psiquismo precisa de certos parâmetros que o sustentem e colaborem para sua estruturação. Pensando na estruturação do sujeito e seus vínculos, consideramos a importância do contexto no qual o sujeito se constitui, sendo esse contexto um pano de fundo que, por meio da pertença, permite ao sujeito se conformar internamente. O pano de fundo é a cultura, o espaço transubjetivo, o mundo exterior. A pergunta que surge frente às intensas mudanças culturais é como essas mudanças podem afetar o sujeito vincular em sua constituição. Defrontamo-nos, assim, com sujeitos contemporâneos expatriados expostos a diferentes culturas, e a presente obra se propõe tentar defini-los, a partir de um olhar psicanalítico. Perguntamo-nos: como essas variadas raízes e lugares de pertença afetariam o sujeito e seus vínculos dentro de um espaço e um tempo globais?

História do nascimento da questão

Sou psicóloga, psicanalista, uruguaia e migrei ao Brasil, de forma permanente, em 2004. Tendo em conta que falo outras línguas, sou convidada para trabalhar tanto com sujeitos migrantes quanto com cidadãos que vão migrar do Brasil. O convite inclui trabalhar gerando uma escuta no momento de separação da terra, dos afetos, do conhecido da cultura própria para a inserção em uma cultura diferente, com as consequentes transformações internas que isso acarreta: o sofrimento pela perda, a sensação de estranheza em terras alheias, enfim, uma infinidade de afetos ambivalentes e paradoxais com os quais os sujeitos se deparam.

Começo a desenhar um dispositivo que me permite acolher três tipos de população expatriada diferentes:

1. Os brasileiros que saem do país para outros países do mundo, com os quais o trabalho é feito em português, língua nativa dos que consultam.
2. Os indivíduos latinos que vêm morar no Brasil, com quem usamos o espanhol como língua nativa, tanto dos expatriados quanto a minha.
3. Os sujeitos expatriados de vários países que vêm morar no Brasil, com os quais a língua que habilita a comunicação é o inglês; trabalhamos com uma língua que serve de ponte para o entendimento e funciona como um objeto intermediário que separa e ao mesmo tempo aproxima.

Avaliando a população que consulto, por um lado, e baseada na linha teórica de trabalho da Psicanálise das Configurações Vinculares, por outro, deduzi que a melhor forma de oferecer uma escuta nesse momento de vida seria considerar o expatriado junto com o núcleo familiar que o acompanha, o que também implica

levar em conta as diferenças entre os sujeitos que fazem parte da família, já que temos o(a) funcionário(a) expatriado(a), o cônjuge e os filhos com distintas idades e formações.

Diante dessas consultas, desenvolvi um dispositivo de trabalho para acolher e escutar os expatriados e suas famílias. Uma das variáveis a levar em conta, na hora da escolha da analista, é a língua. Como os encontros são feitos pouco tempo depois de eles desembarcarem no Brasil, pensa-se na dificuldade para se comunicar em uma língua estrangeira e a proximidade com a língua do país de origem. Os encontros se desenvolvem em espanhol, porque é a língua nativa tanto dos expatriados quanto a minha. A língua nos auxilia como um nexo de comunicação dos sujeitos estrangeiros em terras brasileiras. Por isso que os atendimentos aos expatriados são feitos em espanhol.

Baseio-me em temáticas cuja discussão seria importante nessa instância, apoiada também em outros referenciais teóricos, provenientes do mundo dos negócios, que intitulam esses trabalhos de treinamentos interculturais. Ao longo do trabalho com os expatriados, contudo, esse dispositivo vai deixando de funcionar, pois se torna desnecessário e sem sentido, de sorte que o atendimento se baseia fundamentalmente em uma escuta à família sobre o momento de transição e mudança. A orientação do trabalho muda: em vez de se amparar em tópicos marcados em uma apresentação de Powerpoint, se transforma em uma escuta livre sobre o momento da expatriação. Providencio materiais de desenho e jogos, no formato usado na análise de crianças, para que as crianças e adolescentes tenham outra forma de se expressar, e que o dispositivo abarque os adultos, com suas falas, e os filhos, no formato que eles escolham para se comunicar.

Os sujeitos desta pesquisa não apresentam demanda de processo terapêutico. Entretanto, eles aceitam o oferecimento que

lhes dou de participar de um encontro para trabalhar sobre o tema da interculturalidade na expatriação. Ao aceitar a proposta, exibem uma disposição para trabalhar o tema. Contratransferencialmente, abro uma cadeia associativa, fazendo eco da conflitiva familiar. O dispositivo é constituído apoiado nas hipóteses de qual será a dinâmica intersubjetiva que os habita e nas hipóteses da teoria psicanalítica vincular como marco de referência.

Poderíamos pensar que as corporações precisam assegurar o investimento que fazem ao trazer o sujeito e garantir uma situação estável que lhe permita trabalhar e dar os dividendos para os quais foi conduzido ao país de expatriação. Partimos, assim, de uma demanda do mundo capitalista, do qual o expatriado se oferece a fazer parte, no momento em que aceita a oferta da empresa. Apesar de não aparecer uma demanda de atendimento terapêutico, há um pedido de orientação e acolhimento. Pensamos que a demanda formulada pela empresa precisa ser reapropriada pela família.

Na escuta aos sujeitos estrangeiros – se for necessário –, apresento o diagnóstico e o consequente encaminhamento. A indicação psicoterapêutica fica como uma possibilidade, quando a família, ou algum de seus membros, dela precisem.

Trabalhamos com sujeitos expatriados de empresas multinacionais oriundas de países nos quais o espanhol é a língua materna. Escolhemos trabalhar com essa população porque achamos que daria maior clareza sobre a interculturalidade. Isso não inclui os migrantes e imigrantes, os refugiados políticos, os exilados etc. Desse modo, trabalhamos com um público que se desloca em condições vantajosas, já que as empresas operam como um grande respaldo, que arca com os custos e o trabalho tanto da logística, da burocracia com documentos migratórios quanto da assistência à saúde, do transporte, do estudo para os filhos e da moradia, no país de expatriação, assim como de viagens de visita ao país natal.

Todos esses benefícios diferenciam os imigrantes temporários expatriados dos outros tipos de imigrantes.

Para o presente trabalho, as famílias de expatriados concordaram por livre e espontânea vontade a fazer os encontros comigo, a fim de trabalhar o tema da interculturalidade. A possibilidade de trabalho vincular com a família é oferecida pelo LinkedIn.

Ao mesmo tempo que o expatriado recebe todas as regalias já mencionadas, por outro lado, são convocados de tempos em tempos a migrações temporárias para diversos países, conforme a necessidade das empresas contratantes. Isso imprime certa marca a esse tipo de migração, o qual poderia ser descrito como “o eterno migrante”, com uma caracterização de transitoriedade e movimento constante, como aquele que transita sempre “com a mala nas costas”.

Frente a esse trânsito constante pelo mundo, interrogamo-nos sobre as marcas psíquicas vinculares que esse modo de ser contemporâneo confere aos sujeitos que se submetem a esse estilo de vida.

Fica em aberto a pergunta, no campo de intersubjetividade, como essas experiências de trânsito, de ir e vir, geram marcas intersubjetivas específicas e diferentes das dos outros tipos de migrantes. Contudo, essa questão não será abordada no presente livro.

No início de meu trabalho pensei em nomeá-lo *A multiculturalidade na constituição do sujeito – Uma pesquisa psicossocial*. Mas, à medida que fui aprofundando o tema, percebi que o conceito de multiculturalidade ficava vinculado ao de colonização, no qual uma cultura prevalece sobre a outra; a cultura do colonizador se impõe sobre a do colonizado. Porém, esse conceito não se ajustava à realidade dos migrantes temporários expatriados. Achei o termo *interculturalidade* mais apropriado, visto que indica como uma cultura vai se entrelaçando com a outra, estruturando uma

rede de culturas, entre as quais se armam pontes, como elos que as fazem interagir. Mais para a frente, aprofundo ambos os conceitos, o que fundamenta a mudança de título do livro.

Também mudei o restante do título, destacando a ideia de *vínculos familiares*, já que, da forma anterior, não ficava claro qual é o conceito de sujeito do qual parto. Trata-se de um trabalho intersubjetivo vincular com famílias de expatriados.

Por que expatriados?

No contexto atual, contemporâneo e globalizado, surge o sujeito que tem um estilo de vida propiciado pelo mundo corporativo, que é chamado de “expatriado”. Por contiguidade ou vínculo de consanguinidade, a família desse sujeito, funcionário das empresas multinacionais, é chamada de “família de expatriados”.

É importante nos perguntar por que esse termo foi escolhido para nomear o sujeito que é o novo habitante do mundo corporativo, funcionário estrangeiro que é deslocado para diversas filiais das empresas, em diferentes países do mundo. A definição desse termo encontrada no dicionário é surpreendente. No *Aurélio*, expatriado é “que ou aquele que sofreu a pena de expatiação, ou que se expatriou; exilado”. Expatriar, como verbo transitivo direto, é “expulsar da pátria; exilar, desterrar, banir”. E, como verbo pronominal, é “ir para o exílio”, “ir residir em país estrangeiro”.

Vemos como, por meio das definições, se transmite uma conotação negativa na denominação do expatriado, uma vez que parece ser aquele sujeito expulso de seu país de origem, ou impossibilitado de morar na terra onde nasceu. Esse significado não condiz com a situação de privilégio que eles têm nas empresas. O fato de ser convidado a uma expatiação coloca o funcionário em um

lugar favorecido no espaço de trabalho, já que são oferecidos a ele melhores salários, a possibilidade de ascensão na carreira profissional, ganho de experiência, viagens, aprendizagem de uma nova língua, assim como todos os privilégios de moradia, colégio, saúde etc., inclusive para sua família.

Em face desses sentidos paradoxais, perguntamo-nos por que, no registro manifesto, expatriado tem um sentido e, no sentido latente, arrasta uma conotação contrária, que remete a expulsão e repulsa? Estará isso relacionado com o fato de ser o expatriado aquele sujeito que denota a diferença, por ter uma posição de estrangeiro? Talvez nos encontremos frente à dificuldade para aceitar o alheio, o diferente, o outro com alteridade radical que não consegue ser anulada nem negada. Aquele estrangeiro que é trazido pela empresa em função da falta de mão de obra especializada no país estará trazendo um significado ameaçador para os trabalhadores que habitam esse lugar? Será por isso que se insiste em chamá-lo, quase o expulsando, de expatriado? Estaremos diante de uma forma de mostrar a repulsa quanto às diferenças que o estrangeiro traz, ao aparecer como aquele radicalmente diferente, em sua alteridade?

Muitas são as interrogações que essas discussões despertam.

Pretendemos refletir criticamente sobre os processos psíquicos intersubjetivos vinculares vividos pelos sujeitos nos cursos migratórios de expatriação, à luz da Psicanálise das Configurações Vinculares.

Do ponto de vista específico:

1. Delimitar as marcas intersubjetivas vinculares que as culturas deixam nos sujeitos e seus vínculos, partindo do pressuposto de que toda mudança cultural impacta a família, tensionando os vínculos familiares. Ou seja, a pergunta seria: como as mudanças culturais afetam o sujeito vincular?

2. No dispositivo vincular familiar, procuramos pesquisar em que medida a estrutura familiar inconsciente se modifica no processo de expatriação.
3. Em decorrência do espaço criado para escutar os expatriados e suas famílias sobre o processo de expatriação, aprofundamos o conceito de interculturalidade e suas diversas apropriações.

Centramo-nos em pensar nos processos subjetivos contemporâneos que a população dos expatriados costuma explicitar de forma mais clara. Trata-se de um trabalho que abrange mais do que os sujeitos participantes da amostra, já que problematiza e lança luz sobre processos atuais pelos quais todos os sujeitos do século XXI, atravessado pelo capitalismo e a globalização, são afetados, além e aquém da população dos expatriados em si. Os expatriados servem, no presente estudo, como lente de aumento do sujeito contemporâneo, porque mostram sujeitos que são mais afetados e ficam mais expostos ao mundo globalizado. Sabemos que essa situação e essa forma de trânsito pela contemporaneidade e a globalização afetam todos os sujeitos dos tempos atuais. Por tudo que já foi mencionado anteriormente, este estudo visa trazer luz sobre o mundo contemporâneo globalizado e como os sujeitos que o habitam se veem afetados por esse contexto cultural específico.

Questões que se abrem

Ao longo deste trabalho, tratarei de discutir algumas hipóteses que surgem como perguntas, inquietações e reflexões a serem respondidas por meio da análise do material recolhido dos sujeitos expatriados, com base nos aportes teóricos achados sobre a

temática. Anos de trabalho sobre o tema fazem acender em mim questões, que gostaria de tentar responder.

1. O momento da mudança temporária pode ser vivido pelos sujeitos: como um momento de abertura ao novo; como um acordar para a novidade que se abre frente a culturas diversas da cultura de origem; como espaço de criação e ampliação da subjetividade e dos vínculos dos sujeitos expatriados; a abertura do leque de oportunidades e escolhas subjetivas às quais os expatriados se veem expostos, conseguindo fazer bom uso destas. Ou a experiência de expatriação pode aparecer privilegiando a situação de perda pelo contexto cultural conhecido do país de origem, trabalho de elaboração do luto que pode se estender no tempo, resultando em uma situação que se eterniza sem ser tramitada. Não se gerarão transformações, e os vínculos só estão destinados a restituir aquilo que é impossível de ser reparado. Outra opção de busca de tramitação da situação poderia ser que os sujeitos tentem transpor os limites de uma cultura na outra, sustentando a fantasia de que a cultura de origem possa ser transferida e transladada à cultura do país de expatriação. Seria uma busca contínua pelas variáveis culturais de um país no outro. Dessa forma, seria armada uma situação intersubjetiva de não saída do país de origem, para evitar a perda que implicaria tal deslocamento. As duas opções mencionadas estariam desenhando diferentes modos de elaboração das mudanças, um em formato de crescimento subjetivo vincular, por meio da tramitação do luto, e outro como uma detenção no tempo do processo de luto que não pode ser elaborado, permanecendo como experiência não trabalhada e tramitada internamente.

2. Por meio dos processos internos que os sujeitos expatriados vivem, visualizamos a possibilidade de serem armados de uma estrutura subjetiva vincular, que chamamos de intercultural. Só aqueles sujeitos capazes de tramitar o abandono subjetivo dos

parâmetros da cultura de origem poderão ter uma abertura interna e vincular para acrescentar a novidade que surja no transcurso. Dessa maneira, estruturariam um modo intersubjetivo de ser: intercultural. Só abandonando internamente os espaços conhecidos é que se abre espaço para a criação de espaços múltiplos de interação e integração, em que as diferentes culturas possam conversar e armar estruturas criativas e novas. A interculturalidade se constrói como uma colcha de retalhos, a partir da qual os sujeitos em vínculos se permitem fazer escolhas peculiares de integração e transformação cultural.

Se os sujeitos não conseguirem elaborar o luto e abandonar os parâmetros do contexto da cultura de origem, não poderão construir esse novo armado intercultural, já que permanecerão amarrados à cultura de origem e criação, e não construirão espaços livres que permitam fazer outras escolhas culturais integradas a eles mesmos. Talvez esse seja um formato de resistência em face da situação de mudança.

3. Outro elemento que surge como questão é a forma de conhecer e reproduzir a língua estrangeira diferente da língua materna. Questionamo-nos em que medida a língua estrangeira pode surgir como uma opção de comunicação e transmissão de ideias, ou como um obstáculo que impede a abertura ao meio externo. Em uma opção, os sujeitos permaneceriam fechados frente aos outros, aos estrangeiros; na outra opção, eles se abririam ao conhecimento de novas possibilidades linguísticas para se comunicar com diferentes, propiciando um crescimento intersubjetivo intercultural.

4. A pergunta que se abre é: quais das hipóteses mencionadas podem ser respondidas a partir do material colhido de expatriados, vindos ao país faz pouco tempo? Esse período de tempo permitiria obter indícios para responder sobre as mudanças citadas anteriormente? Será que algumas hipóteses precisariam de experiências de

expatriação mais longas? A mudança cultural impacta a família e os vínculos, mas a pergunta que surge é sobre as diferenças do impacto entre os primeiros momentos de exposição a uma nova cultura e a permanência nela.

Em busca dos traços migratórios em Sigmund Freud

Tive a oportunidade de viajar a Viena, onde fui conhecer a casa que Freud teve que abandonar, diante do exílio londrinense. Na procura por material bibliográfico sobre expatriação, descobri uma carta que o criador da psicanálise escreveu para um colega suíço, na qual menciona a “dor frente à perda da língua materna”. Gravei a data e a quem está endereçada a epístola para continuar minha procura no Brasil, achando que essa seria uma tarefa fácil de desenvolver.

Ao não encontrar rastro da correspondência, nas obras completas, escrevo para o museu pedindo ajuda; lá, dizem que essa carta não existe, que só encontraram uma carta de condolências a Anna Freud, datada em 1939, e aconselham a continuar a procura no Museu de Freud, em Londres.

Escrevo para Londres e localizo o assistente do curador, Bryony Davies, que consegue entender qual é o eixo de minha busca e acrescenta dados importantes. Menciona um encontro intitulado *A infância perdida e a língua do exílio*, que aconteceu no Museu em 2001 e sobre o qual há um livro impresso; assim como uma exibição de fotos em 2010 com o título *Terra prometida: o exílio de Freud*. Pela possibilidade de aceder a um material impresso, ligo para o Museu e, na compra do livro, tenho a grata surpresa de saber que a atendente é brasileira, fala português comigo e entende

sobre o tema. Trata-se de Francis Rita Apsan, que é a bibliotecária de fotos e gerente da loja do Museu. Foi ela quem procurou a dita carta de 1938 de Freud a Saussure.

Para minha agradável surpresa, recebo um e-mail de Rita Apsan, contando que o original da carta de 11 de junho de 1938, ao psicanalista suíço Raymond de Saussure, está na biblioteca do Congresso, em Washington; mas a frase na qual ele alude à perda da língua materna está citada no *Diário de Sigmund Freud, 1929-1939 – Crônicas breves*, traduzido para o português por ela mesma. Procuo as cartas na biblioteca do Congresso em Washington. Elas estão em alemão e, por um acordo com a família Freud, só serão apresentadas ao público em 2100, visto que incluem a autoanálise de Freud por carta com Fliess. Acredito, assim, que a família, eticamente, exige o segredo para abri-las ao público.

Essa procura levou um bom tempo, mas acabou resultando na reunião de um rico material que o criador da psicanálise pôs em palavras quando tentava dar conta de sua situação no exílio forçado pela Segunda Guerra Mundial em Londres. O ditado popular diz que “todos os caminhos levam a Roma”, mas, nas nossas investigações, muitas vezes procuramos às cegas algum traço que dê conta de nossas inquietações. Grande é a surpresa e a alegria quando esses dados se clarificam e chegamos a um achado tão prodigioso quanto esse. Mais adiante, abordaremos a carta antes mencionada.

Muitas portas se abrem para continuar pensando em tantos temas e dados achados.

Gostaria de concluir esta introdução aludindo à canção citada no início, do uruguaio Jorge Drexler, na qual descreve a terra natal, o Uruguai, país com o nome de um rio, algo que traz a ideia de um devir constante, no fluir das águas que não voltarão ao mesmo lugar. Também o autor consegue pôr em palavras os sentimentos que o migrar suscita nas pessoas. Sobrevém o sentimento de perda,

raiva, dor, abandono, saudade, decepção. Indica uma direção no olhar para fora do país, para outras terras e não para a terra natal. E escolhe o aeroporto como lugar que condensa e simboliza partidas e reencontros, mas que indica um trânsito de um ir e vir, e não uma situação de estabilidade. O autor parece estar tentando elaborar o conflito que surge, frente ao migrar e fixar raízes em terras alheias à de nascença, por meio da composição. Cabe salientar que o autor migrou para Espanha, onde reside atualmente, e que a terra natal dele é a mesma que a da autora que escreve este livro: o Uruguai.



“*Sinto saudades das batatas de lá*, mas adoro o chester daqui”: assim, Ana Maria, de 8 anos, sintetiza a ambiguidade inerente à condição do expatriado. Como lidar com ela? A resposta, como mostra Lisette Weissmann neste livro, depende de vários fatores, que a autora organiza num triângulo conceitual: o intrapsíquico, o vincular/familiar e o sociocultural. As seis amostras de “discurso familiar” que nos apresenta sugerem que o segundo é decisivo para construir uma “malha de contenção” das angústias envolvidas na adaptação ao novo ambiente, por sua vez necessária para poder aproveitar as oportunidades oferecidas pela situação de interculturalidade.

Psicanalista experiente e bem informada, ao estudar um problema muito atual, Lisette ilumina diversas facetas da sociedade contemporânea, assim como das modalidades de subjetivação que nela podem se estruturar.

Renato Mezan

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. Flávio Ferraz

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-1471-7



9 788521 214717

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Interculturalidade e Vínculos Familiares

Lisette Weissmann

ISBN: 9788521214717

Páginas: 268

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2019

Peso: 0.305 kg
